

RELIGIÃO E REGENERAÇÃO SOCIAL NO MARANHÃO. A CONSTITUIÇÃO DE MENTALIDADE LAICA NAS ELÍTES SOCIAIS NO BRASIL PRÉ-REPUBLICANO

Paulo Barrera

Universidade Metodista de São Paulo - Brasil

Resumo. O estudo do impacto social do protestantismo na América Latina enfatiza, regra geral, o trabalho educativo das escolas protestantes, formando indivíduos que logo influenciariam a sociedade. A biografia prévia à entrada no protestantismo de um importante líder da Igreja Presbiteriana, na segunda metade do XIX, mostra que seus ideais de regeneração social são anteriores à seu contato com o protestantismo. A sua preocupação com a regeneração social decorria do precoce contato cultural de sua cidade natal, São Luís do Maranhão com a Europa.

Palavras-chave: protestantismo, América Latina, Igreja presbiteriana, educação.

Abstract. The latin American Protestantism social impact study focuses, generally speaking, on the protestant schools educational work, which educate fellows who will soon have some sort of influence on society. The previous biography to the Protestantism entrance of an important presbyterian church leader, in the second half of the XIX century, shows that his ideals of social regeneration are prior to his contact to the Protestantism. His concerns with the social regeneration happened because of the early cultural contact of his hometown, São Luis do Maranhão, with Europe.

Keywords: protestantism, Latin America, presbyterian church, education.

Nas primeiras décadas do século XIX desenvolveram-se no Maranhão ideais de regeneração social que constituíram uma mentalidade regional humanista. A biografia da família Vieira Ferreira revela a constituição de uma visão de mundo secular e humanista, resultado do precoce contato cultural do Maranhão com a Europa. A questão pode ser analisada na história regional, da educação, do jornalismo e do comércio na cidade de São Luís do Maranhão. Neste ensaio focamos a informação jornalística, analisando especialmente o jornal *O Artista*. Um dos herdeiros dessa mentalidade, Miguel Vieira Ferreira (1837-1895), formado em física e matemática na Escola do Exército no Rio de Janeiro, foi membro da Igreja Presbiteriana desde 1874 até 1878 quando dela fora expulso por questões supostamente doutrinárias. Ensaíamos a hipótese de que a formação prévia de Ferreira influenciou a sua posterior escolha religiosa pelo protestantismo, mas também dele o distanciou para formar outra igreja na qual tentara realizar seus ideais de “regeneração social” do Brasil. O estudo do jornal *O Artista*, dirigido pela família Vieira Ferreira mostra que o ideal de regeneração social de Miguel Vieira Ferreira é anterior a sua chegada ao protestantismo. A entrada de Ferreira no protestantismo tem, assim, precedentes sociais e culturais que a explicam; em outros termos, a sua formação prévia alimentou nele ideais reformadores que o colocaram próximo de elementos “regeneradores” característicos do discurso protestante da época.

São Luís do Maranhão e o contato com a Europa no início do século XIX

Antes de analisar o conteúdo do jornal dirigido pela família Vieira Ferreira precisamos apresentar, embora de maneira breve dos fatores socio-culturais que distinguiam a cidade de São Luís na primeira metade do XIX: o precoce contato cultural com a Europa e a influência de novas correntes pedagógicas. Vejamos primeiro este último.

Miguel Vieira Ferreira cresceu num clima familiar¹ e social marcado pelo ideal de regeneração social através da educação. Traços desse ideal se encontram na biografia do pai de família Fernando Luis Ferreira e marcaram também a vida do seu filho Miguel. O ideal de regeneração por meio da educação, nas primeiras décadas do XIX, era uma corrente que vinha da Europa. La Salle, Lancaster, Pestalozzi, e outros apresentaram

propostas pedagógicas, para aperfeiçoar a instrução primária, que logo se difundiram na maioria dos países de América do Sul. Já em 1827 uma Lei tornava obrigatório nas escolas brasileiras o “ensino mútuo preconizado, então na Europa, por Lancaster, André Bell e Jacotot” (Viveiros, 1953: 7). A província do Maranhão não ficou fora dessa influência. O Liceu Maranhense foi fundado em 1838 e no mesmo ano a Província do Maranhão tinha decretado enviar “para a França um sujeito de reconhecida e indisputável habilidade, a fim de aprender praticamente o ensino pelo método lencastrino o qual assim instruído venha reger uma Escola Normal, na Capital da província” (Pacheco, 1938/1940: 29).

Miguel Vieira Ferreira viveu em São Luis até 1842, ano em que a família mudou-se para Itapecuru Mirim. Segundo Gerônimo de Viveiros em Itapecuru Mirim havia na época pelo menos uma escola primária. Mas, Ferreira afirma que a única educação que recebera na época foi a fornecida pelo seu próprio pai. O pai ocupava-se pessoalmente de instruir os filhos, o que era comum na época. Fernando Luís Ferreira foi autor de pelo menos dois livros didáticos: *Aritmética prática* (1868a) e *Novo Systema Métrico. Explicado ao alcance dos meninos de escola* (1868b). Ambos “aprovados pela Inspeção de Instrução Pública para uso das aulas de instrução primária”. O primeiro era “destinado aos meninos que nenhum conhecimento tiverem de Arithmetica, bem assim as pessoas que praticamente a quiserem aprender sem mestre”. Esses dados mostram a vocação pedagógica de Fernando Luiz Ferreira, que sem dúvida exerceu na formação dos próprios filhos. Um “Almanak” de 1858 registra Fernando Luis Ferreira como professor de “mechanica” da Casa dos Educandos Artífices” (*Almanak do Maranhão*, 1858: 86). Essa instituição de instrução pública foi criada em 1841 e estava “destinada a receber moços desvalidos, de preferência os “engeitados”, e dar-lhes instrução e primeiras letras e um ofício” (Viveiros, 1953:15).

Em 1851, com a idade de 14 anos, Miguel Vieira Ferreira foi enviado de volta a São Luis para estudar no Liceu de São Luis. No Liceu já desde 1843 fora estabelecida a seguinte subordinação de matérias: “Nenhum aluno será matriculado em qualquer das aulas do Liceu desta cidade sem ter perfeito conhecimento das primeiras letras; nas aulas de filosofia racional e moral e de retórica e poética, sem exame de latim; de geografia e história, escrituração e desenho, sem exame de geometria; nas aulas de gramática, filosofia e análise dos clássicos, sem

exame de filosofia e retórica” (Viveiros, 1953: 17). No Liceu ensinavam-se também Latim, Gramática Portuguesa, Matemática, Comércio, Filosofia e Moral e Desenho Civil (PACHECO 1938/1940: 54). Os primeiros anos da vida de Ferreira correspondem, pois, a uma região que vive atenta aos novos ventos pedagógicos e atenta também às tensões políticas que envolviam o Brasil.

O segundo fator foi o contato do Maranhão com a Europa, que foi precoce (Costa, 1931). Desde a Colônia e logo no Império a província do Maranhão se manteve – no dizer de Maria Regina Nina Rodrigues – “voltada para as fronteiras externas” (1993: 17). A influência europeia no Maranhão foi principalmente de Portugal, que já em 1621 começou a desenvolver mecanismos jurídicos e militares de controle dessa região. A breve presença francesa na região tinha mobilizado as forças portuguesas. Uma vez afastados os franceses Portugal se preocupou em defender essa região mantendo a sua exclusividade a respeito de outras potências mercantilistas, o que realizou com a implantação do processo de conquista. No campo jurídico a Metrópole também se preocupou em delimitar seu território de influência conquistado. Em 1621 criou o “Estado do Maranhão” como estado “independente dos outros estados do Brasil e diretamente dependente de Lisboa” (Rodrigues, 1993: 29). No seu artigo sobre “Quando se uniu o Maranhão ao Brasil” Fernandes Costa afirma que o Maranhão “vivia separado do Brasil, nesse tempo, como um autêntico satélite de Portugal”; isso apesar de haver um Vice-rei no Rio de Janeiro (1931: 19).

Meireles se refere a essa questão qualificando de “contato mais íntimo” do Maranhão com a Metrópole que com o Brasil já durante o período colonial e até as vésperas da independência: “pese ao número de seus filhos formados na Europa, foi antes um reduto da lealdade à Coroa, graças ao seu contato mais íntimo, até as vésperas da Independência, com a metrópole do que com o Brasil” (2001: 206). Segundo Nina Rodrigues, a influência da Metrópole se fez sentir tanto no âmbito político-econômico quanto no cultural, isso dentro da estratégia geopolítica da metrópole visando assegurar o controle da região. Os interesses de Portugal na região maranhense se tornam evidentes no fato de ter-se dividido a Colônia em dois estados, o do Brasil com sede em Salvador e o de Maranhão ao Norte. Dessa forma Portugal podia intervir eficazmente no Maranhão, desde as questões mais simples às mais complexas (Rodrigues, 1993: 31).

Na primeira metade do século XIX, que corresponde ao nascimento de Miguel Vieira Ferreira, a cidade de São Luis era já um importante centro urbano onde se faziam sentir as mudanças decorrentes da dinâmica econômica mundial. Com a Revolução Industrial inglesa a economia do Maranhão se concentra na produção de algodão e a exportação desse produto revitaliza a atividade no porto de São Luis. O contato de São Luis com a Europa se torna mais dinâmico e rico que o do próprio Rio de Janeiro, e essa cidade adquire uma arquitetura que lembra uma “idade de ouro” no seu sentido econômico, mas também no seu sentido cultural. Note-se isso na seguinte descrição de Astolfo Serra:

Construídos há mais de dois séculos, esses sobrados assinalam a idade de ouro de São Luís, quando a cidade era terra de barões e de nobres, de ricos donos de engenhos e de fazendas e de abastados comerciantes de largas transações, no mundo civilizado; quando os maranhenses primavam pelo bom gosto das coisas do espírito e mantinham contato com os mais afastados e cultos centros europeus, justamente porque os eixos da economia local – a sua desenvolvida agricultura, o seu comércio exportador, os seus centros industriais – permitiram contatos diretos e mais rápidos com a Europa do que com o Rio de Janeiro (1946: 121s).

O contato com a Europa seguiu assim o ritmo imposto pelo desenvolvimento econômico e é anterior à abertura dos portos (1808), mas a abertura dos portos teve implicações óbvias no campo da cultura, da circulação de idéias e de livros, e no próprio sistema educativo. Antes de 1808, a educação era ministrada por religiosos, especialmente pelos jesuítas. Referindo-se a esse período Manfredo Berger frisa o caráter restrito dessa educação, pois permitia apenas que no indivíduo germinassem idéias católicas e ortodoxas. Segundo esse autor a razão dessa restrição estava em que o conteúdo ministrado nas escolas se baseava essencialmente no latim, o que quebrava no brasileiro “as relações líricas com a natureza, com a curiosidade de saber, a ânsia e o gosto de conhecer, a alegria das aventuras de inteligência de sensibilidade e de exploração científica da natureza” (1980: 222).

Nosso personagem, Miguel Vieira Ferreira, não foi parte desse clima intelectual restrito. A sua visão do mundo não se corresponde com uma formação católica. Muito pelo contrário, na família dele encontramos pouca coisa sobre a influência católica. De fato houve toda uma geração de maranhenses que se beneficiara, intelectual e cultural-

mente, alguns também economicamente, da abertura dos portos e da circulação de idéias, livros e pessoas que esse fato permitiu. Ferreira nunca saiu do Brasil, mas viveu a sua infância e adolescência num período em que o Maranhão estava, como nunca antes, recebendo a influência intelectual de Europa, principalmente, mas não exclusivamente, através de Portugal.

O clima cultural maranhense segundo os primeiros jornais

Nos anos do surgimento da imprensa no Maranhão, o Brasil vivia seus primeiros anos como país independente (1822). A questão era um acontecimento no sul do Brasil, mas no Maranhão configurou uma grande polêmica, pois um importante setor maranhense recusava aderir à independência, fato que só aconteceria em julho de 1823. Duas razões devem ser relembradas como explicação dessa situação: a importante presença de portugueses na região e a manifesta comodidade nas relações do Maranhão com a Metrópole. Na opinião de Sebastião Jorge “esta província sempre se colocou ao lado de Portugal, com quem tinha maiores contatos e obediência. As relações com a Metrópole eram grandes, chegando a ignorar o sul” (1987, 12). No campo das influências culturais pode se dizer que Portugal levava vantagem sobre o próprio Brasil. O Maranhão dependia da Metrópole não só economicamente, mas culturalmente. Hilton Rocha ilustra bem a força dessa dependência quando afirma: “Ainda, há cinquenta anos, havia maranhenses que viajavam pela Europa, e principalmente por Portugal, e jamais ao Rio de Janeiro” (1984, 8. Apud. Jorge 1987). O regionalismo maranhense surgirá precisamente como reação a essa dependência e no bojo do patriotismo que no Maranhão manifestou-se com clareza na atividade jornalística.

Sobre a imprensa maranhense Sebastião Jorge afirma que “os grandes temas do momento, internacionais, nacionais e regionais eram discutidos com paixão e dentro de uma ótica que revelava o profundo conhecimento dos publicistas” (1987: 10). A precoce atividade jornalística em São Luís já é um indicador do clima cultural nas primeiras décadas desse século. Sabe-se de dois jornais que circularam em São Luís mesmo antes da chegada do primeiro prelo (Jorge, 1987: 19). O “Epaminondas Americano” era um jornal de 12 páginas, redigido em

São Luís pelos maranhenses e impresso em Lisboa. Esse jornal circulava no primeiro semestre de 1821. O “Conciliador Maranhense” surge, em manuscrito, em oposição e para combater o primeiro citado.² Já na época do prelo, no final de 1821, o “Conciliador Maranhense” seria o quarto jornal na cronologia do jornalismo brasileiro. No seu estudo sobre o jornalismo no Maranhão Joaquim Serra aponta que desde abril de 1821 publicava-se em São Luís *O Conciliador do Maranhão* e que “saíam centenas de exemplares, que eram lidos com avidez” (2001: 23). Se a leitura de jornais tem influência na cultura de uma sociedade, pode-se dizer que a cidade de São Luís entrou cedo em contato com a cultura européia. Os primeiros jornais maranhenses foram um espaço para reproduzir notícias estrangeiras. Transcreviam-se notícias dos seguintes jornais: “Courier” da França, “Morning Chronicle”, “Times”, “Morning Herald”, “Sun” e “Liverpool Advertiser” da Inglaterra; “Observateur” da Áustria; “Diário de Frankfurt” da Alemanha e “Campeão Portuguez” de Portugal (Jorge, 1987: 40). Nos anos seguintes, a partir de 1821, novos jornais e revistas não pararam de aparecer em São Luís.

O humanismo nacionalista dos Vieira Ferreira no jornal *O Artista*

Esse jornal circulou no Maranhão nos anos 1862-1863 e depois entre 1868-1869. No seu primeiro período atingiu em torno de 50 números, sendo seu primeiro número de 21 de maio de 1862. O seu redator era o “Tenente Coronel Fernando Luís Ferreira”. Nesses anos Miguel Vieira Ferreira se encontrava estudando no Rio de Janeiro.

O segundo período de “O Artista” se inicia o primeiro de março de 1868, depois de cinco anos de intervalo. Nesta vez há um corpo de redatores formado pelo pai Tenente Coronel Fernando Luís Ferreira, e os três filhos, Dr. Luís Vieira Ferreira, Dr. Joaquim Vieira Ferreira e o Dr. Miguel Vieira Ferreira que tinha retornado do Rio de Janeiro e que na prática se constituiu no maior protagonista da atividade social desenvolvida através desse jornal.

O Primeiro período de “O Artista”

Os primeiros números desse jornal apareceram com o subtítulo “Jornal principalmente dedicado às artes mecânicas”. No segundo mês

esse subtítulo foi modificado, ampliando-se para “Jornal dedicado à indústria e principalmente às artes”. Os primeiros números também incluíam, logo depois do subtítulo, o seguinte pensamento: “Só chegamos a ser livres à proporção que nos fazemos industriais e morais (C. B. Dunoyer)”. O jornal trazia quatro páginas e na última se abria o seguinte convite³ “O *Artista* não conta um número certo de redactores; suas colunas são franqueadas à todos, que quizerem mimosea-lo com seus trabalhos, com tanto que sejam concebidos de acordo com o programma e em linguagem decente e calma”. O jornal se imprimia na Tipografia do Frias, que Joaquim Serra conta entre “as notáveis oficinas tipográficas do Maranhão” pela perfeição e bom gosto de seus produtos (2001: 22). Em junho de 1863 o jornal tinha 138 assinantes, quantidade de nada desprezável na época (*O Artista*, 6 de junho de 1863: 1).

Sobre a sua estreia na atividade jornalística e sobre seus objetivos assim se expressa o próprio redator no primeiro número: “O *Artista* pois, que, saudando seus irmãos da imprensa, pede hoje um lugar na arena jornalística” e define assim seus objetivos: “Tornar pois salientes as vantagens resultantes do desenvolvimento e progresso das artes; fazer nascer nos homens o amor e dedicação à ellas, inspirando-lhes o gosto, apreço e honra, que merecem por serem uma das fontes fecundas e inexauríveis de riqueza e prosperidade pública”, “mostrar aos homens em geral como as artes tendem a augmentar a riqueza das nações e o rédito público, dando novos valores às matérias primas, fazendo applicação das diferentes produções naturais aos usos e comodidades da vida, à que destino-as a Providencia, dando expansão à agricultura, commercio e navegação, e estabelecendo a liberdade e a moralidade” e “Fazer sentir os que vellam nos destinos do paiz o dever que lhes corre de animar a industria nacional, removendo os obstáculos e difficuldades que ella encontra, facilitando o desenvolvimento de sua ação própria e protegendo-a em sua desigualdade no concurso e luta com a industria estrangeira, empregando para isso os meios mais promptos e seguros”. (*O Artista*, Anno I, No. 1, 21 de maio de 1862: 1).

Pode perceber-se que os objetivos do jornal eram amplos e ambiciosos. Dirigia-se não apenas aos “artistas” como trabalhadores manuais, mas também procurando sua formação intelectual e moral. De outro lado pretendia também cumprir função política, no sentido de reclamar dos governantes o apoio ao desenvolvimento da industria própria. Com certa frequência e desde o seu primeiro número o jornal

relembra, e seus leitores o desejavam, que não era seu objetivo a política e que nisso se distinguiu com clareza dos outros muitos jornais da época, regra geral vinculados a algum partido.

Uma característica notável desse jornal é a divulgação de uma ética do trabalho: “o trabalho contribue para a saude e os commodos da vida do homem; e elle o aperfeiçoa, e dá-lhe consciencia da sua existencia e de suas forças, e o enobilita a seus próprios olhos, tornando-o util à sociedade”. O trabalho é fonte de bem estar, podendo ser até de fortuna; mas, e com certeza, quando acompanhado de “economia” é abrigo nos tempos difíceis. A combinação de trabalho dedicado e economia é a fórmula para o conforto e também para não se tornar carga para a sociedade: “É por meio do trabalho assiduo, acompanhado de economia, que elle chega a ajuntar não raro uma fortuna, modesta mas independente, e algumas vezes avultada, que o põe ao abrigo das privações e misérias nos dias da enfermidade, ou na velhice, dando-lhe conforto e bem estar, sem que seja pesado à sociedade”. O *artista* que “não soube pôr de lado alguma parte de seu salário, não ajuntou um peculiosinho no dia da abastança” se expõe a cair na miséria o dia da doença, da falta de trabalho, da velhice ou o aumento da família (*ibid.*: 2). Essa linha de exaltação do trabalho, da dedicação, do bom uso do tempo, da estimação do trabalho manual quanto do intelectual coincide com o modelo de vida que o protestantismo difundiria posteriormente no Brasil (Mendonça, 1995).

Outras três características de *O Artista* que se complementam bem com a anterior são as seguintes: as “Notícias industriais” que fornecia informação sobre nova tecnologia ou novas máquinas, seus usos e vantagens. Por exemplo, o funcionamento do amassador mecânico na fabricação do pão, o descobrimento do aerômetro, a invenção da máquina de escrever, a fabricação do silicato de potassa, etc. Esse espaço era, com frequência, acompanhado de anedotas sobre como a ignorância sobre novas tecnologias acabava ocupando muito mais tempo na fabricação de um produto. Outra característica era a reflexão sobre biografias exemplares, sempre de pessoas de diferentes países, regra geral, da Europa ou dos Estados Unidos, que se destacaram pela sua dedicação ao estudo e/ou trabalho chegando a ser personagens importantes e de destaque: inventores, presidentes, descobridores, etc. Esse espaço se intitulava “Panteon de homens uteis”.

A terceira característica é a informação prática sobre atividades artísticas ou industriais, que permitiam fazer as coisas de maneira mais fácil, útil e barata. Tratava-se de orientação prática sobre como preparar produtos de uso caseiro ou industrial, por exemplo: preparo de sabão, conservação de madeira, preparo e conservação de “graude” para encadernações de livros, a impermeabilização do couro, a conservação do leite, a platinação do cobre, medidas indicadas por algum médico para combater o “cholera morbus”, etc.

A partir do terceiro número se dedica em cada número atenção especial a um tipo de *artistas*. Assim, aos sapateiros se dedica um extenso artigo no qual se discute as vantagens de produzir sapatos nacionais a menor custo e com igualdade de qualidade dos produtos estrangeiros. A análise é feita levando-se em consideração até as tarifas alfandegárias. O artigo termina reclamando do Estado uma política de proteção à produção nacional:

Repetimos, não queremos nacionalizar as artes, porque queremos toda franquesa no comércio, mas temos o direito a exigir aos Poderes do Estado uma proteção mais segura aos artistas, já promovendo a introdução de bons mestres em todos os ofícios, já fazendo que os materiaes que para algum d’elles são preparados no estrangeiro o sejam aqui com o mesmo aperfeiçoamento e preço. É por este modo que os Poderes do estado hirão desenvolvendo as artes e colocando-as no pé em que já deviam estar.

Nos números posteriores se dedica a mesma atenção à marcenaria, à industria agrícola, à padaria, à pentieria, etc.

Para Fernando Luís Ferreira os artistas não eram homens “só da prática”. Nas páginas do jornal defendia e incentivava os estudos dos artistas, a sua formação teórica como complemento importante do conhecimento adquirido na prática:

Quando se falla de theorias parece que se trata de cousa de fora deste mundo, - e que todas as vezes que se quer aplicar à prática falha. Vamos a ver se os práticos teem razão de pensar assim: o que é uma theoria? É o apanhamento de todas as práticas, ligadas pelo raciocínio e classificadas segundo suas analogias a que chamão *princípios gerais*. O artista que sabe desses princípios gerais de sua arte é um theórico e pode descobrir novas práticas (*O Artista*, Anno I, No. 12, Maranhão, 16 de agosto de 1862: 1).

A formação dos artistas era um mal que Ferreira considerava necessário remediar não só para melhorar o trabalho, mas para reivindicar o reconhecimento da classe dos artistas perante os conhecimentos teóricos: “fazer trabalhar com a ferramenta a quem estuda geometria e mecanica é a mesma coisa, ou ensinar geometria e mecanica a quem trabalha com a ferramenta, é uma e a mesma coisa” (Ibid. p. 2).

O redator de *O Artista* mantinha correspondência com outros jornais da região, por exemplo, com o importante jornal *Publicador Maranhense*. Também, se mantinha bem informado das publicações vindas da Europa e dos Estados Unidos e reproduzia artigos de jornais e matérias tratadas em livros, aproveitando-as segundo o programa do jornal. Um dos mais citados era o jornal francês *La Science pour tous*. Também se aproveitavam artigos de *Genie Industriel* e de *L'ami de la science*. Outro jornal francês bastante citado era um semanário que circulava desde 1848 chamado *Os cem tratados sobre os conhecimentos mais indispensáveis*. Um jornal semelhante tinha circulado antes na Inglaterra com o título *Information for the people*. O jornal francês apresentava o seguinte objetivo: “A obra que apresentamos ao público encerra, sobre um plano methodico, o complexo dos conhecimentos necessários a todos àqueles que não querem ficar estranhos aos princípios dados e aos mais recentes progressos da sciencia”. Seu público alvo é definido assim “seguindo o exemplo dos editores inglezes quizeamos igualmente provocar a atenção desta parte do publico que os meios ordinários de ensino não podem alcançar” (*O Artista*, Anno I, No. 14, Maranhão, 20 de agosto de 1862: 1). É muito interessante constatar como a idéia de uma obra, que poderíamos considerar informativa e formativa, passa da Inglaterra para a França e daí chega ao Brasil através das páginas de *O Artista*.

Também se reproduzia em *O Artista* artigos ou discursos sobre matérias vinculadas às artes e industria, por exemplo um discurso de 1836 “por ocasião da abertura da Aula de Geometria e Mecanica applicadas às Artes, que n'aquella época, a Sociedade Promotora da Industria Nacional abriu em Lisboa” (*O Artista*, Anno I, No. 11, Maranhão 9 de agosto de 1862: 2). Quando se tratava de um texto muito extenso se publicava em várias partes, por exemplo, o discurso que acabamos de mencionar foi publicado em 4 partes entre os números 11 ao 14 do jornal.

No nº 16 do jornal (13 de setembro de 1862) aparece pela primeira vez em *O Artista* um artigo de Miguel Vieira Ferreira. Ele, que

ainda se encontrava estudando no Rio de Janeiro, expressa nesse artigo um regionalismo singular:

Ao receber o n. 9 do jornal maranhense – *O Artista* – nós que somos do Maranhão e cujo amor ao nosso torrão natal é levado ao phrenesi, não podemos deixar de sentir uma viva satisfação reconhecendo que os esforços maranhenses tendem a elevar a nossa provincia à categoria que lhe está destinada pela providencia.

A partir do n. 17 percebe-se o início de um rico diálogo com artistas, que escrevem opinando sobre a informação fornecida pelo jornal, expondo dúvidas sobre questões práticas ou também reclamando maior atenção a aspectos pouco tratados. O jornal passa assim a dedicar um espaço considerável à palavra própria dos mesmos artistas. Pode se dizer que eles deixam de ser apenas leitores e passar a escrever, pois o jornal publicava a correspondência enviada pelos artistas. Alguns números mais adiante, no n° 22 (25 de outubro de 1862) o redator convocará a “Palestra dos artistas”:

O redator do *Artista* declara que em todos os domingos das 7 até as 10 horas da noite estará em sua casa, rua da fonte das pedras n. 15 prompto a receber as visitas dos Snrs Artistas, quer sejam seus conhecidos quer não, para o fim de conversarem sobre objectos próprios da redação deste jornal. Esta modesta reunião, será conhecida pela modesta denominação PALESTRA DOS ARTISTAS.

Essa seria a primeira tentativa por juntar os artistas e organizá-los como classe. Os próximos números noticiavam as reuniões dos artistas e os avanços na organização.

Uma questão notória na pesquisa sobre a biografia de Miguel Vieira Ferreira é a ausência de informação sobre qualquer tipo de prática religiosa, até o ano de 1874 quando ele entra numa igreja presbiteriana junto com seu pai. Na edição n° 26 de *O Artista* (22 de novembro de 1862) o redator, Fernando Luís Ferreira, narra uma experiência da sua infância quando “tinha-mos nós então 5 anos” – diz Ferreira, e que tem a ver com essa questão. Ferreira narra como era “a arte de ensinar a rezar que se usava na escola em que começamos a aprender a ler”. As tardes dos sábados eram destinadas exclusivamente para ensinar a rezar e consistia no seguinte:

Recolhiam-se todos os meninos a um quarto escuro, onde não havia uma mesa, nem uma cadeira nem outro algum movel. Todos andando em roda ou atravez desse limbo artificial, tranzidos de terror, repetiam em voz cavernosa e tremula a reza que dahi a pouco tinham de repetir ao mestre. Chegada a hora, assentado o mestre em uma cadeira na sala de aula, fazia-se sair um do quarto escuro; repetia sua lição; se a dizia sem erros ia assentar-se no lugar do seu numero e tomava o fôlego a longos a grandes tragos; mas se tinha a infelicidade não já de errar mas de transpor uma palavra embora não prejudicasse o sentido da doutrina, ia posto em pé a um canto da sala; não se proferia a sentença, era sabida: uma surra de calças fora. Vinha outro e assim passavam todos. Passava-se à execução da sentença preexistente.

Tres alumnos maiores eram os executores e já estavam destros. Despiam o infeliz desmemoriado, dous pegavam-lhe pelos braços e pelas pernas, punhão-mo horizontalmente de bruços, suspenso até a altura da cintura dos verdugos, e o terceiro com uma disciplina de seis pernas dava-lhe uma dose de memoria para o fazer mais feliz no sabbado seguinte. Largava-se aquelle pegava-se outro, e concluiam-se as obras de misericórdia – ensinar os ignorantes e castigar os que erram – por uma prática do mestre que tinha por objeto demonstrar quanto era amavel a religião.

Ferreira termina a sua narração afirmando que merecia ser publicada “para ensinar aos nossos netos a não terem saudades dos tempos de seus avós”. É evidente que essas experiências da infância fizeram com que a religião não tivesse nenhum atrativo para Fernando Luís Ferreira e, em decorrência da formação passada para os filhos, também não para o Miguel Vieira Ferreira.

Que o redator de *O Artista* era muito pouco ligado à religião se confirma pela total ausência desses assuntos no jornal. A sexta “palestra dos artistas” foi convocado na mesma data da maior festa religiosa da região, o dia da Sra. da Conceição. Era o dia “em que o povo desta capital costuma entregar-se todo às devoções e festejos em honra daquella mai commum dos homens”. Obviamente foram poucos os artistas que compareceram e Ferreira aproveita para publicar a seguinte reflexão: “a religião que ensina aos homens a venerar e amar as virtudes da mulher é a mais civilisadora das religiões, nem podia a religião cristã deixar de ter essa grande qualidade... Mas o que significa dizer que os homens devem lembrar-se que as mulheres são suas mães? Quer dizer que elles não só as devem amar e respeitar, como, bem educal-as, para que ellas a seu turno possam educar a seus filhos” (*O Artista*, Anno I n. 29, Maranhão, 14 de dezembro de 1862: 1). Anos mais tarde, entre 1873

e 1874, estando de volta a Rio de Janeiro, esta vez será o filho Miguel Vieira Ferreira que mostrará sua preocupação pela educação da mulher em igualdade de condições que os homens, na proposta chamada “Escola do povo”, sobre a qual não teremos como apresentá-la neste ensaio.

No nº 18 (16 de maio de 1863) encontramos um interessante artigo sobre a “Instrução publica em França”. Nas nossas pesquisas anteriores apontamos para a singular educação recebida por MVF em casa. Ele próprio manifesta ter sido alfabetizado pelo pai pelo método de Jacotot. No número 18 de *O Artista* (16 de maio de 1863) Fernando Luís Ferreira escreve um artigo sobre a “Instrução pública na França” apresentando os diversos métodos de ensino. Sobre o método que Jacotot chamava de “ensino universal” aponta que ele repousa sobre dois axiomas: primeiro, “que todos os homens têm uma inteligência igual”. Segundo, “que tudo está em tudo”. Os Ferreira realizavam um labor pedagógico social onde se refletem esses princípios. Essa seria a explicação do porque não se desprezava a capacidade dos mais pobres para o estudo.

Fernando Luís Ferreira foi redator de *O Artista* até 27 de junho de 1863. O substitui J. J Tavares Beltford, mas o jornal só continuou aparecendo até o próximo mês de agosto. Não sabemos as razões dessa mudança, mas sabemos que não foi repentina. No último número como redator Ferreira escreve:

Com este número como havíamos anunciado, cessamos de redigir o pequeno *Artista*. Mas d’ahi não se conclua que morreu, a não ser como o sol, que depois de seu occaso surge no dia seguinte talvez mais radiante. O progresso da industria e das artes num paiz é objecto perpetuo; mil annos se quizerem, e o *Artista* há de reaparecer e por fim triunfar: se não for em nossa vida, será na de nossos filhos ou netos. (Anno II, n. 22, 27 de junho de 1863: 1).

Como pode perceber-se Ferreira tinha verdadeiras convicções a respeito da missão desse jornal entre os *artistas* e na sociedade brasileira em geral. Nada na época poderia tê-lo levado nem a imaginar que o filho mais dinâmico e entusiasta na vocação como artista, o Miguel, mudaria um dia o rumo da sua vida ao entrar no protestantismo. Ele próprio não se imaginava numa igreja. Mas, um dia, ambos, pai e filho entraram juntos pela primeira vez na Igreja Presbiteriana de Rio de Janeiro. A mensagem protestante não poderia ter sido avaliada fora

dessas profundas convicções geradas no interior da família desde o nascimento.

Segundo Período do *Artista*

O *Artista* voltou a circular no dia 1º de março de 1868, depois de cinco anos de silêncio, e continuou até julho de 1869, poucos meses antes de que Miguel Vieira Ferreira fora atacado de beribéri, tendo que sair novamente do Maranhão para Rio de Janeiro. No ano de 1864 MVF tinha voltado para o Maranhão também por problemas de saúde. Os anos entre sua volta para São Luís e sua saída para Rio em 1870 foram os de maior atividade social de MVF no Maranhão e esse segundo período de *O Artista* o mostra com clareza.

Agora o jornal contava com uma equipe de redatores conformada pelo Pai e os três filhos: Luís, Joaquim e Miguel. Embora o Miguel aparecesse no último lugar na lista dos redatores, na verdade ele era, na prática, o verdadeiro diretor e quem mais se expressava através do jornal. Na última página do primeiro número deste período (1º de março de 1868) se diz: “O responsável legal por todos os artigos da redação é o Dr. Miguel Vieira Ferreira, assim como também responde por todos os anonyms que saírem na folha, pois que n’essas condições serão unicamente aceitas as correspondências cujas idéias forem compartilhadas pela redação”. De toda a família o Miguel era também quem mais tinha estudado. O Miguel torna-se assim o condutor do jornal e, de fato, era ele quem mais escrevia.

As mudanças no jornal são bastante significativas, embora a nova redação se esforce por expressar a sua continuidade com o perfil do primeiro período. Percebem-se mudanças de forma e conteúdo. Agora o jornal estréia um emblema colocado no cabeçalho da primeira página, e não é simples enfeite. O emblema expressa a nova perspectiva social do jornal assim como a sua ideologia, no sentido de visão de mundo.

Permanece o subtítulo “Jornal dedicado à indústria e principalmente às artes” mas agora há uma expressiva preocupação política, embora se recuse toda militância partidária.

O primeiro artigo de Miguel Vieira Ferreira se ocupa do progresso, das leis sociais e da responsabilidade do Estado no marco da Constituição do Império: “As leis sociais firmão em certas bases a moralidade,

a atividade e os conhecimentos de um povo, e fazem-o marchar directamente para o progresso; ou, depois de uma paralização à que pouca atenção se presta, arrastão-o forçosamente à decadência”. A maior responsabilidade do atraso do país está na condução errada por parte das leis e do estado:

A má direcção dada a um Estado, as leis que, por inúteis, não podem ter influência para o progresso; as que obstão à boa marcha da sociedade, a carência das que se deveriam considerar de absoluta necessidade, tracem consigo a ignorância e a frouxidão do povo, a sua desmoralização e o atraso do paiz.

Aponta-se como um sério problema o fato da prática política ser determinada por interesses mesquinhos, egoístas, colocando-se em segundo lugar o interesse público. “As verdadeiras idéias de interesse público são rediculizadas, porque não convêm ao egoísmo; aquela voz que se levanta em favor dos princípios do progresso, logo é suffocada pelo egoísmo”. Mais adiante afirma

Nas menores coisas vê-se que no Brasil não há independência por causa da lei, pois que esta jamais attendeu aos melhoramentos materiais do Império, jamais procurou elevar o espírito da população fazendo-lhe amar o trabalho... No Brazil não há liberdade, há licença; não há independência real. Os espíritos vivem debaixo do jugo de idéias estrangeiras, não há pensamentos propriamente nacionais.

Eis aí o diagnóstico do jornal sobre a situação política e social do país no momento de sua reaparição.

A sua expressão pública a respeito de questões políticas se sustentava na legalidade constitucional: “Discute, com toda a liberdade que nos garante a constituição do Império, os actos do governo e os do corpo legislativo. O *Artista* quer entrar na confecção das leis para que ellas não prejudiquem às artes e à industria”.

Naquela época as lutas e tensões entre os partidos liberais e os conservadores tinham-se intensificado, tornando-se difícil articular uma expressão pública que não levasse em consideração questões políticas. Mas, a nova redacção do jornal tenta procurar nas suas origens a inspiração para seu discurso político na nova situação. O *Artista* reaparece “como era d’antes, puro em suas idéias, desejando de coração o progresso de nossa pátria, doce palavra, expressão enérgica e deliciosa que

jamais deixou de existir no coração do seu antigo redactor”. Sobre o posicionamento a respeito dos partidos disse “O seu partido é o da razão, do bem estar público, do progresso material, intellectual e moral”.

É muito interessante a definição sobre a sua própria responsabilidade condutora no campo da moral e da educação. O jornal tinha uma proposta para melhorar o país e ela passava pela educação, a moral e o direito: “Em tudo e por tudo em nosso país se espera a iniciativa de outrem, e para que assim deixe de acontecer é preciso que se melhore a educação do povo, e que se dê um forte impulso às artes e à indústria”. O jornal se propunha:

ir formando o espírito publico, ir mostrando aos artistas e aos industriais o movimento progressivo das artes e da industria; propõe-se mostrar as correlações existentes entre o governo e a população industrioza; pretende habilitar os artistas para por si conhecerem os seus direitos e interesses, para poderem pugnar por elles.

É claro que para Ferreira a reforma social do país não seria possível sem uma reforma do sistema educativo: “é preciso emancipar as idéias, sacudir esse jugo férreo que não nos deixa raciocinar, e educar melhor a classe dos artistas, para que pelo conhecimento rigoroso da sua profissão elles possam se utilizar dessa emancipação”. Mas, Ferreira não esperava a iniciativa do governo e ele mesmo impulsava a criação de espaços alternativos para melhorar a educação dos artistas. Em *O Artista* do 22 de março de 1868 encontramos a seguinte convocatória:

O Dr. Miguel Vieira Ferreira, tensionando, no dia 17 de abril próximo futuro, fazer publicamente uma exposição das idéias que julga uteis para remover o mau estado em que se achão todos os ramos da industria desta provincia, tanto agricola como manufactureira, e mesmo comercial, convida, por meio deste anuncio, os Snrs. commerciantes, lavradores e chefes de industria residentes n’esta capital que quizerem tomar parte no debate dessas idéias, por amor do interessa publico, a se acharem presentes à dita exposição no dia supracitado, às 10 horas da manhã.

A reunião realizou-se no dia 26 de abril no “salão do Theatro desta capital”. Teve a participação de 300 pessoas e contou com a presença do “S. Exc. O Sr. presidente da provincia. Dr. Antonio Epaminondas de Mello”. Como pode perceber-se, o público que respondeu a convocatória não foi nada desprezível. O mesmo jornal resume

assim o tratado por Ferreira “do nosso mão estado moral, intellectual e physico e propor medidas capazes de regenerar este paiz”. E sobre o público diz:

Reunião composta de pessoas inteligentes, onde figuravão entre outros grande numero de homens formados e instruidos, chefes de industria, lavradores, proprietários, artistas, e estudantes do Lycéo que se mostravam ávidos pelo recebimento das novas idéias: é a mocidade querendo ter ingresso na época da regeneração.

Uma das primeiras propostas de Ferreira seria a criação de um Banco Industrial para facilitar o crédito aplicado ao desenvolvimento da industria. Organizou-se um comitê diretivo e nas próximas reuniões a organização do Banco industrial foi o tema das deliberações. A essa tarefa dedicou-se Ferreira por mais de um ano. Só a doença viria a interromper essa sua atividade “regeneradora”, segundo ele mesmo a expressava, no final de 1969, tendo assim que emigrar para o Rio de Janeiro, onde continuaria na procura de realizar seus ideais sociais com a organização nessa cidade da “Escola do povo”.

Vejamos agora a visão do mundo simbolizada pelo emblema e a explicada pelo próprio MVF. Antes há que dizer que o autor do emblema foi o pai Fernando Luís Ferreira, foi ele que imaginou o emblema para mostrar que “na sociedade tudo se acha ligado”. O emblema é considerado como “expressão genuína de nosso programma” e “nele se acham comprehendidos todos os elementos do progresso”. Vejamos primeiro a sua forma que o redator considera muito criativa, pois a maioria dos jornais no mundo eram simples imitações de outros, nada novo mostrando. Tinha o emblema duas grandes elipses, contendo cada uma no seu interior três elipses menores. As elipses maiores estavam ligadas por um elo central e outro inferior. Na parte superior central aparece “P. II” representando Dom Pedro II e o brasão imperial. Ferreira afirma que o emblema mostra “todo o systema social, mostrando o encadeamento das partes, e como de seu complexo deva resultar o progresso”. Em cada uma das elipses há duas palavras, dois substantivos que se correspondem entre si, um na parte superior e outra na inferior da elipse. A palavra “progresso” não aparece no emblema, mas está representado por todo o emblema. Em outros termos, o emblema é o “sistema social” encaminhando-se em direção do progresso. Os pares de substantivos em cada elipse são os seguintes. Nas elipses maiores:

constituição – saber e independência – querer. Dentro da primeira grande elipse: artes-máquinas, comércio-navegação e agricultura-arado. Dentro da segunda elipse maior: religião-tolerância, liberdade-ordem e imprensa-moralidade. O elo central que une as duas grandes elipses pelo meio é o “poder”, e na parte inferior estão unidas pelo patriotismo.

A relação entre as partes do emblema é assim explicada pelo MVF:

A nossa sociedade estriba-se na *Constituição* e na *Independência*; a *Constituição* não pode ser mantida sem o *saber*, e não pode haver *Independência* sem o *querer*. O *querer* forçosamente desenvolve as *Artes*, o *Comércio* e a *Agricultura*, sem o que não há *independência* completa, como o estrangeiro nos está demonstrando a cada passo; mas é preciso que as *artes* marchem auxiliadas pelas *máquinas*, como em toda a Europa, o *comércio* pela *navegação* e a *agricultura* pelo *arado*. Não se dando tudo o que fica a cima não há verdadeira independência.

A *Constituição* de um país ou sua organização, consta da *liberdade*, da *religião* e da *imprensa*, idéias geradas pelo *saber*; mas o *saber* quer a *liberdade com ordem*, a *imprensa com moralidade*, e a *religião com tolerância*.

Todas essas idéias encadeadas trazem incontestavelmente o progresso, quando o *patriotismo* as abraça todas; e que o *poder* por um forte elo aproxima a *Constituição à Independência*. O poder no Brazil é representado pelo nosso Imperador o Snr. D. Pedro 2^o” (*O Artista*, 1^o de março de 1868, n. 1: 3).

A prática social de Ferreira tinha pois uma articulada visão do mundo que a sustentava, e ela girava em torno do ideal do progresso. Essa é uma questão que nos parece importante para entender a aproximação de Ferreira ao protestantismo, a partir do ano de 1874. A análise da *Imprensa Evangélica*, dos anos 1874 e 1875, órgão oficial da Igreja Presbiteriana da época mostra que MVF teve uma entrada rápida nessa igreja, mas ela não foi repentina, como insinua o estudo de Émile Léonard (1953) e como os próprios protestantes o entenderam. A aproximação de Ferreira ao presbiterianismo foi um processo que começou em janeiro de 1874 e demorou vários meses. A iniciativa é do próprio Ferreira convidando os protestantes a participar de seu projeto de “Escola do povo” (*Imprensa Evangélica*, 03 de janeiro de 1874). É o MVF tentando “evangelizar” os protestantes. Estes recebem o convite e mostram seu apreço pela iniciativa, mas se mantêm à distância. Os presbiterianos mudarão de atitude a respeito de Ferreira em decorrência de sua participação na luta pela separação entre a Igreja e o Estado, pois

Ferreira fazia parte do Comitê de luta pelas liberdades em torno dessa causa, e as reuniões de trabalho eram dirigidas pelo pai de Miguel o tenente Coronel Fernando Luís Ferreira quem é chamado pelo jornal presbiteriano de “respeitável cidadão”. (*Imprensa Evangélica*, 07 de fevereiro e 07 de março de 1874).

No final de março de 1874, especificamente no dia 29, a Igreja Presbiteriana inaugurava seu novo e moderno templo, com capacidade para mais de 500 pessoas, com uma semana de conferências (*Imprensa Evangélica*, 04 de abril de 1874). É obvio que esse fato não poderia ter passado despercebido para Ferreira. No dia sete de abril Ferreira já é Presidente da Sociedade Bíblica Brasileira. No mês de junho Ferreira discursa sobre os objetivos dessa sociedade e um de seus argumentos é “todas as razões de interesse social estão ligados muito intimamente à leitura da Bíblia” (*Imprensa Evangélica*, 06 de junho de 1874). No mês de outubro ele já está em campanha junto com o Rev. Blackford na cidade de Campos, e os jornais dessa cidade destacam que “seu eloqüente discurso revelou o seu não vulgar talento para com aquelles, que não tinham ainda tido o prazer de ouvi-lo” (*Imprensa Evangélica*, 24 de outubro de 1874).

Conclusão

Retomemos a nossa hipótese sobre a entrada progressiva de Ferreira no protestantismo. A formação educativa, na família, na escola, e depois na Escola Militar, a sua fidelidade aos seus ideais de regeneração social se explicam pela influência exemplar da sua família. Ferreira encontra, ou pensa encontrar, no protestantismo um espaço social para realizá-los. Para ele o ideal do progresso era uma força que estava acima de tudo. Era para ele força extraordinária que dava sentido à sua existência e sua ação. Nesse sentido tratava-se de uma verdadeira religião. Nessa perspectiva se explica melhor a sua entrada no protestantismo, e sua posterior decepção, para criar um novo espaço de realização de seus ideais regeneradores, que seria a Igreja Evangélica Brasileira, cujo desenvolvimento não é assunto deste ensaio.

Notas:

¹ Por razões de espaço não analisamos aqui a influência dos pais de Miguel Vieira Ferreira, limitando-nos apenas a mencioná-la.

² Sebastião Jorge precisa que circularam 34 números manuscritos a partir de 15 de abril de 1821 (1987: 19)

³ Conservamos, sempre, a grafia literal do texto do jornal, sem corrigi-lo ou atualizá-lo.

Referências

- Almanak do Maranhão (1858)* Maranhão, s/e
- BERGER, Manfredo (1980). *Educação e Dependência*. Rio de Janeiro: Difel.
- COSTA, Henrique Fernandes (1931). “Quando se uniu o Maranhão ao Brasil”. In: *Revista do Instituto de História e Geografia do Maranhão*, v. 1, n. 1, São Luís.
- FERREIRA, Miguel Vieira (02/08/1873). “Discurso de abertura da *Escola do Povo*. Cursos Livres”. In: *A República*, Rio de Janeiro.
- FERREIRA, Luís Vieira (02/03/1861). “Cartas sobre os estudos cosmológicos do Dr. M. Ferreira”. In: *Revista Popular*, Rio de Janeiro.
- FERREIRA Fernando Luís (1868a). *Aritmética prática*. Maranhão: s/ed.
- FERREIRA Fernando Luis (1868b) *Novo Systema Métrico. Explicado ao alcance dos meninos de escola*. s/ed.
- JORGE, Sebastião (1987). *Os primeiros passos da imprensa no Maranhão*. São Luís: UFMA.
- JORGE Sebastião (2000) *Política movida a paixão. O jornalismo polêmico de Odorico Mendes*. São Luís: Dep. de Comunicação Social da UFMA.
- LÉONARD Émil G (1953). *L'Illuminisme dans un protestantisme de constitution récente (Brésil)*. Paris: PUF.
- MEIRELES, Mario (2001). *História do Maranhão*. São Paulo: Siciliano, 3ra. Ed. Atualizada.
- MENDONÇA, Antonio G (1995). *O Celeste porvir. A Inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste/IEPG.
- NETTO, Eloy Coelho (1998) “A Independência e a adesão do Maranhão”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*, n. 21, São Luís.
- PACHECO, Felipe B. Condurú (1938/1940). *Pai e Mestre. Biografia do Professor Felipe Benício de Oliveira Condurú*. S. Luis do Maranhão: s/ed.
- RODRIGUES, Nina Maria Regina (1993). *Maranhão: do europeísmo ao nacionalismo. Política e educação*. São Luís: Plano Editorial SECMA.
- SERRA, Astolfo (1946) *A Balaiada*. Rio de Janeiro: Brasiliense.

SERRA, Joaquim (2001, ignotus). *Sessenta anos de jornalismo. A imprensa no Maranhão*. São Paulo: Siciliano.

VIVEIROS, Jerônimo de (1953) “Apontamentos para a História da instrução pública e particular do Maranhão”. *Revista de Geografia e História*, v. 4 n. 4, São Luís.

VIVEIROS, Jerônimo de (1992) *História do comércio do Maranhão 1612-1895*. São Luís: Associação Comercial do Maranhão.

Jornais Pesquisados

O Apreciável, São Luís (1867-1878).

O Artista, São Luís (1863-1864 e 1868-1869).

A Imprensa Evangélica, Rio de Janeiro (1874-1879).